

## Fluxos imigratórios no romance histórico contemporâneo de mediação paranaense

*Immigration flows in Paraná's contemporary historical novel of mediation*

Thiana Nunes Cella\*  
*Instituto Federal do Paraná*  
Coronel Vivida, Paraná, Brasil

**Resumo:** Este artigo aborda diferentes figurações ficcionais dos fluxos imigratórios no estado do Paraná, as quais são realizadas por meio de diferentes romances históricos contemporâneos de mediação paranaenses. Assim, apresenta-se uma análise de *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, o qual ressignifica o episódio da fundação e dissolução da Colônia Cecília, formada por imigrantes italianos anarquistas. Essa análise é realizada em uma perspectiva comparativa a outras duas obras: *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, e *Retrato no entardecer de agosto*, de Luiz Manfredini. Neste processo abordamos as relações existentes entre a historiografia oficial e a literatura de extração histórica, especialmente os possíveis diálogos e ressignificações críticas realizadas pelo discurso ficcional; examinamos as peculiaridades da modalidade romanesca a que pertencem; verificamos como são representados os movimentos migratórios nos universos diegéticos, bem como seus reflexos na formação da sociedade e na construção de uma identidade cultural.

**Palavras-chave:** História do Paraná. Movimento imigratório. Romance histórico contemporâneo de mediação. Romance histórico paranaense.

**Abstract:** This paper approaches different figurations of migratory flows in the State of Paraná, which are promoted by Paraná's contemporary historical novels of mediation. Thus, it presents an analysis of *Um amor anarquista*, by Miguel Sanches Neto, which re-means the episode of the founding and dissolution of Colony Cecília, formed by anarchist Italian immigrants. This approach is carried out in a comparativist perspective to two other novels: *Nihonjin* by Oscar Nakasato, and *Retrato no entardecer de Agosto* by Luiz Manfredini. In this process we approach the relations between the official historiography and the historical extraction literature, especially the dialogues and critical re-meanings carried out by the fictional discourse; we examine the novel's modality peculiarities to which they belong; and we verify how the migratory movements are represented in the diegetic universe, as well as their reflexes in the society formation and in the consolidation of a cultural identity.

**Keywords:** Contemporary historical novel of mediation. History of Paraná. Immigration flows. Historical novel of Paraná.

### INTRODUÇÃO

O passado paranaense – assim como o nacional ou global – é repleto de momentos e eventos problemáticos, permeados por lacunas e hiatos sobre os quais nem sempre a historiografia oficial é capaz de abordar integralmente. Colaborando ao preenchimento desses lapsos, a literatura, especialmente as narrativas híbridas de história e ficção, participam da formação de imagens e compreensões amplificadas sobre tais momentos.

---

\* Doutora em Letras pela *Universidade Estadual do Oeste do Paraná* - UNIOESTE, com período sanduíche PDSE/Capes na *Universidad del Salvador* - USAL, Argentina; docente do Instituto Federal do Paraná, IFPR, Campus Coronel Vivida. Pato Branco, Paraná. E-mail: thianacella@gmail.com.

Entre as temáticas revisitadas pelo romance histórico paranaense, devido à sua abrangência e pluralidade de exemplares, destacamos os movimentos, fluxos e influências migratórias no estado. Essa via de produção aborda a instalação de colônias imigrantes, as dificuldades de adaptação, problemáticas identitárias, os movimentos realizados dentro do estado e aqueles ocorridos entre os estados sulistas. Além disso, o lapso temporal que essas narrativas englobam contemplam desde meados do século XVII até o século XX.

Como exemplares das narrativas híbridas de história e ficção paranaenses que ressignificam<sup>1</sup> as relações sociais, os deslocamentos e fluxos migratórios no estado, podemos citar, dentre muitas outras, *Retrato no entardecer de agosto* (2016), de Luiz Manfredini, *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato, *Quatro gerações* (2018), de Ivo Pegoraro, e *Um amor anarquista* (2005), de Miguel Sanches Neto, às quais nos dedicamos neste artigo.

Para a classificação e análise das narrativas aqui apresentadas, pautamo-nos na trajetória do romance histórico sistematizada por Fleck (2017), o qual estabelece dois grandes grupos de romances históricos: aqueles que legitimam a historiografia oficial e aqueles que enfrentam o discurso hegemônico de forma crítica; esses dois grupos são categorizados em três fases distintas: a- a fase acrítica, constituída pelo romance histórico clássico scottiano e pelo romance histórico tradicional, que integram o primeiro grupo; b- a fase crítica/desconstrucionista, composta pelos novos romances históricos latino americanos e metaficcões historiográficas, modalidades altamente desconstrucionistas e experimentalistas; c- a fase crítica/mediadora, estabelecida pela conciliação entre as características das duas fases anteriores, e instituída pela modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação<sup>2</sup> – modalidade à qual as obras em análise pertencem.

A partir dessas ponderações iniciais, neste manuscrito, dedicamo-nos, inicialmente, a apontar brevemente algumas características da modalidade romance histórico contemporâneo de mediação em relação à trajetória geral do gênero, determinada por

<sup>1</sup> Na esfera das investigações sobre as narrativas híbridas de história e ficção, realizadas no âmbito ao Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, empregamos as taxinomias distintivas “renarrativizar” e “ressignificar” frente ao amplo universo dessas produções. No primeiro caso, a referência dá-se àquelas escritas literárias que buscam renarrar os eventos do passado sem alterar as bases ideológicas e o discurso colonialista, que caracteriza a historiografia hegemônica de cunho rankeano que, no passado, já os registrou. Já para o caso das narrativas literárias que se enfrentam com esse discurso tradicional, seja da historiografia ou do próprio romance histórico – em suas manifestações da modalidade clássica e tradicional –, para revelar outras perspectivas, agentes e condicionantes históricos, utilizamos a lexia “ressignificar”. Essa, segundo a ideologia do Grupo, vai muito além da ressemantização, pois envolve um outro olhar para o passado colonialista, para a construção da identidade latino-americana e para a formação do cidadão, agente histórico não passivo frente à colonialidade do poder, do saber e do ser, conforme proposto por Mignolo (2014).

<sup>2</sup> O conceito de romance histórico contemporâneo de mediação foi instituído por Gilmei Francisco Fleck em 2007, no artigo “A conquista do ‘entre-lugar’: a trajetória do romance histórico na América”, publicado no número 23 da Revista *Gragoatá* (2007). Neste, o autor contempla as transformações verificadas no gênero romance histórico e as contribuições ocorridas no contexto latino-americano, com destaque a esta tendência mais recente. Para o texto completo, indicamos: Fleck, Gilmei F. (2007). A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*. Niterói, n. 23, 2. sem. 2007. p. 149-167. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33183>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Fleck (2017). Nessas obras, identificamos o aspecto mediador estabelecido entre as características mais tradicionais das narrativas híbridas de história e ficção – da primeira fase da trajetória do gênero – junto à intenção crítica em relação ao passado e sua representação – próprios da segunda fase. Essa característica insere essas composições romanescas como uma via de ressignificação do passado paranaense e as classificamos como romances históricos contemporâneos de mediação – modalidade própria da terceira fase do gênero romance histórico. À continuação, demonstramos como as narrativas selecionadas ressignificam criticamente os episódios que escolhem reelaborar e, assim, proporcionam novas e amplificadas imagens sobre o passado paranaense, sua formação e implicações na atualidade.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE HISTÓRICO

As figurações do processo de colonização e povoamento paranaense, realizadas a partir das narrativas híbridas de história e ficção mediadoras, apresentam uma tônica conciliadora na manipulação do material histórico. Elas são escritas romanescas com traços que combinam uma atitude crítica sem a intenção de articular a impugnação ou a subversão total do discurso tradicional, seja da historiografia, seja do romance acrítico. Isso ocorre porque a sua intencionalidade mais relevante é apresentar perspectivas antes postas à margem, vivências de personagens invisibilizadas pelo discurso historiográfico hegemônico e mesmo aquele tradicional do romance histórico em suas manifestações acríticas. Daí resulta o seu teor crítico.

Assim, enquanto as modalidades tradicionais e acríticas do gênero se coadunam ao discurso histórico hegemônico, tratando-o de maneira apologética e reafirmando sua postura laudatória a grandes heróis e seus grandes feitos, as narrativas da modalidade mediadora enfocam personagens populares, marginalizados ou ex-cêntricos, como propõe Linda Hutcheon (1991) sobre a metaficção historiográfica. Essa última, junto ao novo romance histórico latino-americano, compõem a segunda fase da trajetória proposta por Fleck (2017), a fase crítica desconstrucionista, em que o ímpeto crítico é levado a posturas mais radicais, ao desconstrucionismo e ao experimentalismo linguístico.

Salientamos, ainda, que essas produções conciliadoras ganharam maior representatividade a partir da década de 1980, com características estruturais e de linguagem mais simplificadas, que procuraram incorporar elementos tanto do romance histórico tradicional, amalgamados aos elementos mais críticos da fase crítica/donstrucionista, como corrobora Klock (2022, p. 169), ao mencionar que

[...] essa modalidade mais recente nas produções híbridas de história e ficção foi estudada por Fleck (2007; 2017) e apresenta um conjunto considerável de obras que difere bastante daquele dos romances críticos/donstrucionistas da segunda fase do gênero – sempre ancorados no experimentalismo linguístico e formal típico do *boom* da literatura latino-americana –, cuja produção se tem feito recorrente desde o início de 1980 até os nossos dias.

Assim, a modalidade mediadora estabelece uma atitude atualizada em relação aos experimentalismos e desconstrucionismos do novo romance histórico e da metaficção historiográfica associados ao *boom*. Essas narrativas, consoante a Fleck (2017, p. 104),

[...] abandonam as superestruturas multiperspectivistas, as sobreposições temporais anacrônicas, os desconstrucionismos altamente paródicos e carnavalizados das releituras ficcionais anteriores. Elas adotam uma linearidade narrativa singela, com algumas analepses ou prolepses e um discurso crítico sobre o passado que privilegia uma linguagem próxima daquela cotidiana do leitor atual. Nelas, a construção da verossimilhança, em boa parte abandonada pelas escritas precedentes, volta a ser essencial. Contudo, não se configuram como escritas tradicionais do gênero, pois o passado é visto com criticidade, e as perspectivas dos marginalizados e excluídos são apresentadas, nessas narrativas, com tendências conciliadoras.

Essa última característica apontada pelo autor é primordial no romance histórico contemporâneo de mediação: não há enfoque em personagens centrais, grandes heróis enaltecidos pelas versões cristalizadas da história. As escrituras híbridas dessa modalidade atêm-se às personagens históricas comuns, excluídas ou marginalizadas, com a finalidade de representar as perspectivas que foram suprimidas ou negligenciadas pela historiografia oficial.

Nesse aspecto, essa modalidade literária alicerça-se no retorno crítico e questionador ao passado, em que essas narrativas são reelaboradas por meio de novas perspectivas. Esses prismas periféricos aproximam-se da concepção que Jim Sharpe (1992) denomina de a história vista de baixo, ou seja, a perspectiva dos vencidos, daqueles que não têm representatividade nos discursos oficializados, no viés dos vencedores.

Além disso, os romances históricos contemporâneos de mediação, frequentemente, apresentam a reelaboração de episódios passados pouco valorizados pela tradição histórica hegemônica, da mesma forma como ocorre com suas personagens protagônicas. Nessa modalidade, o foco recai em fatos pouco conhecidos, em percursos ou acontecimentos não emblemáticos, ou mesmo na cotidianidade das personagens que escolhe reelaborar.

As narrativas que analisamos à continuação recuperam, dessa forma, eventos e perspectivas desconhecidas, pouco frequentes ou minorizadas pelo discurso oficial. Entre o rol de narrativas híbridas de história e ficção paranaenses, selecionamos três obras, por nós classificadas como romances históricos contemporâneos de mediação, que reelaboram, de distintas maneiras, partes do processo de formação e povoamento do estado vinculados a diferentes fluxos migratórios ocorridos no espaço paranaense.

## **RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO PARANAENSE: RETRATOS MIGRATÓRIOS**

O século XX, no Brasil, foi marcado por diversas tentativas de instalação de colônias socialistas no sul do país – as quais foram fortemente influenciadas pelo

fenômeno da imigração europeia à nação. Dentre elas, no Paraná, está a Colônia Cecília, fundada em 1890 pelo escritor e agrônomo italiano Giovanni Rossi (1859 - 1943), instalada com forte influência das premissas anarquistas, no espaço do atual município de Palmeira. Foi extinta em 1893, pela comunhão de vários fatores sobre os quais destacamos a pobreza material, os embates internos e a hostilidade das comunidades vizinhas. É a partir desse capítulo do passado paranaense que Miguel Sanches Neto desenvolve sua diegese no romance histórico contemporâneo de mediação *Um amor anarquista*, publicado pela primeira vez em 2005, pela Editora Record, e reeditado em 2008, versão com a qual desenvolvemos este manuscrito.

Em *Um amor anarquista* (2008), esse episódio é ressignificado pela ótica de seus protagonistas imigrantes, no qual a tentativa de instalação da colônia anarquista no interior do Paraná é reelaborada a partir de uma problemática história poliamorosa. Ainda, a porção de imigrantes representada no universo diegético não é aquela aclamada pela historiografia oficial, mas a que, pelo preconceito contra os ideais anarquistas, foi rejeitada pela população local. Considerada a primeira e maior ocorrência do ideário anarquista italiano no Brasil, a Colônia Socialista Cecília foi a efetiva – e malsucedida – tentativa de implementação da experiência anarquista em solo nacional.

De acordo com a pesquisadora e professora de estudos italianos, Isabelle Felici (1998, p. 1) “existem muitas impressões falsas sobre essa experiência, uma vez que a imagem da Cecília, que transparece nas obras sobre o anarquismo e nas obras de ficção que lhe foram consagradas, deve-se mais à lenda do que à realidade”. Além disso, salientamos que, em consonância com a pesquisadora, a implantação da Colônia Cecília

[...] é também fortemente ligada à história da imigração italiana no Brasil, porque, em muitos aspectos, a experiência dos colonos da Cecília é muito próxima da de outros emigrantes italianos do fim do século XIX. A Cecília nasceu, aliás, no momento em que a vaga de emigração italiana em direção ao Brasil era mais forte. (FELICI, 1998, p. 1).

No romance, a implantação da colônia por imigrantes italianos é recriada em uma simbiose entre fatos históricos e ficcionais, e revela a perspectiva da fração de colonos socialistas discriminados e marginalizados pela sociedade conservadora da época. Em contrapartida, o discurso historiográfico apresenta, frequentemente, uma versão laudatória da imigração italiana no estado, como podemos verificar pelo caráter saudosista do historiador Wilson Martins (1989, p. 146):

Dentre todos os povos que têm contribuído para o desenvolvimento do Brasil, com os braços ou os cérebros de seus imigrantes, um existe que se fez credor de nossa particular admiração e da integral fraternidade brasileira – o italiano. Sem desmerecer do quinhão que outros vários trouxeram a nosso progresso, justo é que se destaque o filho da radiosa Itália como o que melhor afinou com a alma do Brasil, [...].

Essa forma elogiosa de Wilson Martins, altamente laudatória e positivista, é vista como exagerada até mesmo na comparação com outros discursos da historiografia, mas não deixa de exprimir o ideário colonial perpetuado pela perspectiva tradicional. No universo diegético de *Um amor anarquista* (2008), a recepção fraternal dos imigrantes

italianos no Brasil é ratificada no início do relato ficcional, quando da instalação da Colônia:

Não temos que enfrentar o rancor da população local, uma gente afável que gasta muito tempo em conversar, ensina o que sabe e sempre nos convida para um café em sua casa. Tal polidez, tão comum nestas terras ditas selvagens está contaminando o imigrante, que aqui chega rude e amargurado pelos sofrimentos em sua pátria. Assim, nossos grosseiros agricultores vão melhorando seus hábitos no contato com o paranaense. (SANCHES NETO, 2008, p. 33).

No entanto, essa primeira visão idealizada do contato entre os cidadãos do país e os imigrantes que a ele chegavam vai sendo matizada com o desenvolvimento da diegese e a proliferação das ideias e costumes anarquistas, especialmente em relação àqueles que saíam da Cecília e migravam para outras cidades, como podemos constatar no fragmento a seguir, em que fica clara, também, a dispersão da população para a região: “Cada carroção que chegava com mais trabalhadores, prontos para as frustrações, por causa das mesquinhas e das cegueiras humanas, partia com um número maior de desertores, que segundo se dizia, saíam dali para saquear Palmeira, Ponta Grossa, Curitiba e São Paulo.” (SANCHES NETO, 2008, p. 111).

Por meio dessas inserções, gradativamente, o relato ficcional revela aspectos não contemplados e divergentes da tendência historiográfica, e, assim, inscreve diversas problemáticas sociais e econômicas enfrentadas não só pela Cecília, mas também pelas outras colônias instaladas no país. Dentre elas salientamos a falta de políticas de auxílio na permanência da população imigrante, a precariedade em que as colônias eram mantidas – marcadas pela fome e falta de recursos médico-sanitários –, a corrupção e o abuso na aquisição e uso das terras. Fatores que, somados aos aspectos identitários problemáticos dos imigrantes italianos em conflito com a população local, dificultavam o estabelecimento da colônia: “Tinham feito tudo pela Colônia e saíam sem nada, como saíram Cini e sua mulher, só com a fama de desordeiros, barulhentos e promíscuos. Tanto esforço para acabar assim, era isso a vida, não deixava espaço para sonhos.” (SANCHES NETO, 2008, p. 225-6).

Essas características, na urdidura ficcional, definem o destino da Colônia Cecília e de seus moradores, os quais, mesmo depois de desvinculados dos princípios anárquicos, carregavam uma imagem estigmatizada, tal como é premeditado no excerto a seguir, em que, pelo recurso da prolepse, são apresentados os efeitos da conduta anarquista para os imigrantes italianos:

[...], ficar ali para continuar sofrendo com a raiva dos vizinhos?, mas não sabiam que por um longo tempo estava definida a sina deles, seriam anarquistas mesmo fora da Colônia, mesmo quando a Colônia fosse apenas uma propriedade produtiva familiar como as demais. Em Santa Bárbara, por muitos anos, teriam ainda que enterrar seus mortos num cemitério à parte, sem cruzeiros, ao lado da estrada, para mostrar sua revolta orgulhosa. (SANCHES NETO, 2008, p. 226-7).

A falta de um espaço adequado e identificado em um cemitério, além de demonstrar a lamentável situação por qual passavam seus representantes, também é considerada

simbólica da ausência de um lugar de pertencimento. Como consequência desse contexto, o ostracismo gerado pelas dificuldades de aceitação e adaptação cultural enfrentadas pelos moradores da Cecília também influenciam diretamente nas concepções de identidade cultural do grupo imigrante.

Com efeito, Stuart Hall (2011), ao tratar sobre os deslocamentos geográficos e suas relações com a identidade cultural, assegura que essas identidades estão em constante transição. Essas, portanto, não são fixas, estão suspensas, pois se alicerçam em elementos de distintas tradições culturais – a de origem e a para onde migraram – e são “o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.” (HALL, 2011, p. 88).

Uma problemática semelhante é apresentada em *Nihonjin* (2011)<sup>3</sup>, de Oscar Nakasato, no qual seu universo diegético reelabora a imigração japonesa no norte do Paraná, por meio da trajetória de Hideo Inabata, sua saída do Japão para o Brasil e sua instalação em uma comunidade nipônica. A jornada de Hideo Inabata e sua família é representativa da realidade de inúmeros imigrantes japoneses que vieram ao Brasil em busca de enriquecer e cumprir com a atribuição sagrada de retornar ao Japão levando recursos financeiros para o crescimento da nação, conforme orientação dada pelo Imperador Hirohito (ou *Showa*) aos seus súditos.

A partir desse cenário, o universo diegético de *Nihonjin* (2011) exhibe as problemáticas sociais em relação à identidade cultural e ao sentimento de pertencimento – ambos fragmentados pela imigração –, bem como interpela aspectos referentes ao imaginário nacional e aos preceitos e preconceitos sociais construídos naquela sociedade. Em solo brasileiro, essas personagens imigrantes enfrentam dificuldades de adaptação e de aceitação, as quais são intensificadas pelo período do Estado Novo – iniciado em 1937 – e pelo apoio brasileiro aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, contrário, portanto, ao Eixo, que incluía o Japão. Sobre esse momento histórico nacional e suas influências nos fluxos migratórios, Geraldo (2009, p. 3) afirma que

[...] o governo de Getúlio Vargas, nos anos de 1930 a 1945, é identificado como tendo sido bastante rigoroso em criar restrições à entrada de imigrantes e em promover políticas de nacionalização que atingiram as populações de origem ou de ascendência estrangeira no país. Os imigrantes foram muitas vezes considerados como “indesejáveis”, com exceção dos chamados “brancos europeus”. Os que já se encontravam aqui fixados foram muitas vezes acusados de constituírem uma ameaça à formação da nacionalidade, em termos raciais ou culturais.

Essas questões são criticamente problematizadas pelo universo diegético, as quais instigam a reflexão revisionista sobre o período e sua representação pela história tradicional, e conduz às discussões relacionadas à nacionalidade e à identidade, mais

---

<sup>3</sup> Sobre os fluxos migratórios e suas relações identitárias no romance *Nihonjin* (2011), publicamos e indicamos o artigo “A imigração japonesa em *Nihonjin*: uma poética fusão entre história e memória”. CELLA, Thiana Nunes; BERND, Jorge Antonio. A imigração japonesa em *Nihonjin*: uma poética fusão entre história e memória. *Fermentum*, v. 31, p. 506-527, 2021. Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/handle/123456789/47413>. Acesso em: 15 nov 2021.

precisamente à etnicidade, tomada como o sentimento de pertencimento exclusivo a um grupo étnico, em outras palavras, à identidade étnica. Em *Nihonjin* (2011), essas inscrições podem ser ratificadas no trecho transcrito a seguir, em que a personagem Hitoshi, filho de Haruo, questiona sua identidade:

Porém, quando ela lhe disse que não era japonês, não enxergou mais os seus grandes olhos azuis e lembrou que seu pai sempre lhe ensinara que era nihonjin, que nihonjin era representante de um povo de tradição milenar. Então ou seu pai ou a professora estava equivocado, pois quando dois diziam coisas diferentes, se um estava certo, o outro estava errado, já que não existiam duas verdades diferentes sobre o mesmo tema. (NAKASATO, 2011, p. 63).

As personagens ficcionais apresentadas em *Nihonjin* (2011), portanto, são representativas de indivíduos que possuem identidades culturais dispersas, aqueles que carregam os traços culturais das tradições, histórias e linguagens pelas quais foram assinalados. São sujeitos que descobrem um sentimento de desencontro quanto ao seu lugar de pertencimento e identificação, “se o Japão, outrora real, que paulatinamente vai-se tornando uma construção de sua imaginação, ou o Brasil, o lugar de efetivas conquistas e realizações.” (SILVAa, 2008, p. 13).

Nesse sentido, apesar de reelaborarem períodos históricos diferentes, abordarem distintas problemáticas socioculturais e grupos imigratórios diversos, *Nihonjin* (2011) e *Um amor anarquista* (2008) aproximam-se pelas discussões planteadas por suas personagens e universos diegéticos. Ambas abordam o reconhecimento de uma identidade fragmentada pelo processo imigratório e a falta do sentimento de pertencimento – tanto em relação ao local de origem como ao território de destino.

*Um amor anarquista* (2008), ao apresentar os primeiros anos dos deslocamentos imigratórios ocorridos no Paraná, figura personagens que representativas de sujeitos que descobrem um sentimento de desencontro quanto à realidade em que vivem e suas percepções e cargas culturais. Assim,

[...] a diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. (HALL, 2011, p. 89).

De fato, no universo diegético de *Um amor anarquista* (2008), devido aos deslocamentos geográficos, a rotatividade de famílias e a falta de acolhimento das comunidades vizinhas, as personagens também não estabelecem vínculos afetivos com o espaço em que vivem, não se sentem pertencentes, como podemos ratificar no trecho transcrito à continuação:

A paisagem da Colônia, deixada para trás, tinha perdido a espessura, era algo estranho, como se ele nunca tivesse vivido nela, como se essa memória pertencesse a outra pessoa e lhe tivesse sido narrada sem detalhes. Ele não sentia mais a presença daquelas colinas e daquelas matas. Mas fez o caminho até Curitiba com sua curiosidade habitual, analisando cada árvore,

cada montanha, cada animal. Quando chegou à cidade e viu o movimento, sentiu-se como se já estivesse em outra terra. (SANCHES NETO, 2008, p. 100-1).

Na construção romanesca, essa postura é representativa das muitas entradas e saídas ocorridas na Colônia, as quais apresentam motivos distintos, mas sentimentos semelhantes: “[...] Záfiro Artusi partiu sem olhar para trás, sentindo-se desertor. Tinha que pensar no filho. Todos tinham que pensar nos filhos.” (SANCHES NETO, 2008, p. 111). É dessa forma que os movimentos migratórios vão sendo figurados em *Um amor anarquista* (2008), ora representados como desordeiros, perigosos ou desocupados, ora destacados como “[...] apenas imigrantes procurando um lugar, [que] seriam sempre bem-vindos em nosso país.” (SANCHES NETO, 2008, p. 111).

Apesar de representar uma categoria que possuía alguns privilégios – a população italiana historicamente foi bem recebida pelo Brasil –, por não se coadunar com o discurso historiográfico tradicional, e por apresentar a perspectiva do imigrante que encarou a discriminação xenofóbica, *Um amor anarquista* (2008) emolda-se aos princípios do romance histórico contemporâneo de mediação. Esse tem, dentre suas principais características, a reescrita crítica do passado e a ascensão de uma perspectiva não contemplada pelas versões convencionais da história como princípio ideológico.

A representação do grupo italiano, nos moldes apresentados por *Um amor anarquista* (2008), também é por nós considerada uma característica mediadora, pois o espaço da crítica feroz aos colonizadores, própria das modalidades críticas/desconstrucionistas, cede espaço a uma perspectiva conciliadora, uma postura crítica tecida de forma mais criteriosa e menos agressiva, como já mencionado por Gasparotto (2011, p. 192):

[...] os romances históricos contemporâneos de mediação são uma opção para a manifestação mais amena e suave do diálogo entre os dois Mundos, já que eles permitem a manutenção e o equilíbrio, evitando fanatismos e críticas severas, que, muitas vezes, prejudicam ao invés de beneficiar um possível vínculo entre as culturas.

Nesse sentido, em *Um amor anarquista* (2008), a conciliação ocorre pela flutuação entre o diálogo com a história tradicional e sua infiltração por versões que descortinam aspectos por ela mascarados ou suprimidos. Nesse processo, característico do romance histórico contemporâneo de mediação, o intuito crítico e interpelador ocorre “sem o sumário intento de desconstrução radical que orienta a produção crítica precedente.” (FLECK, 2017, p. 105).

Assim, de maneira amena e fluída, a narrativa ficcional ressignifica um episódio paranaense que permaneceu à margem da historiografia. Confirmando a insipiência sobre o passado da Colônia Cecília, tanto em relação à historiografia oficializada quanto à população, Felici (1998, p. 55) afirma que

[...] os anarquistas italianos no Brasil não manifestam interesse por esse episódio que eles conhecem muito mal e que não tem ligação com suas preocupações políticas. O tema das experiências comunitárias só aparece muito raramente nos jornais anarquistas em italiano publicados no Brasil e, quando escrevem sobre o assunto, Rossi e a Cecília não são mencionados. Em agosto de 1913, um dos jornais anarquistas de São Paulo, *La Propaganda Libertaria*, faz, entretanto, de Rossi e dos colonos da Cecília, os pioneiros do movimento

social no Brasil, mas tudo o que o autor do artigo conhece deles é o que leu no texto escrito por Rossi em 1893.

Além de adotar uma perspectiva alternativa sobre a comunidade imigrante, o relato romanesco proposto por Sanches Neto apresenta a voz e a postura feminina resistentes aos moldes e ditames patriarcais – próprias das mulheres que seguiam a ideologia anárquica. Entre as personagens figuradas pelo universo diegético de *Um amor anarquista* (2008) que aceitam e adotam a prática anárquica do amor livre – defendida enquanto rejeição da interferência do Estado e da Igreja na vida e nas relações pessoais –, estão Narcisa, mulher solteira que escolhe relacionar-se com distintos homens; Escolina, quem, apesar de ter vários filhos no casamento, decide viver um romance extraconjugal; e Adele, mulher casada que vive um relacionamento aberto com outros dois homens.

Na narrativa, portanto, as personagens femininas são configuradas como sujeitos que problematizam as relações de poder falocêntricas e as imposições da cultura monogâmica e patriarcal sobre suas formas de sentir, seus desejos e seus próprios corpos. O trecho a seguir, em que Adele conversa com o cônjuge, é exemplar de como se apresenta, no universo diegético, essa postura de resistência feminina:

- Se eu fosse inteligente como o Giovanni ou atraente como Puig, você teria aceitado amante?
- Rossi não é meu amante, você sabe. E não suporto esse espanhol.
- Algum atrativo...
- Como assim?
- Para dominar, um homem tem que ter algum atrativo.
- Nós lutamos contra todo tipo de dominação. (SANCHES NETO, 2008, p. 186-7).

Essa postura de reação feminina é frequente na construção romanesca, e não desaparece quando encontra oposição dentro da Colônia, mesmo de outras personagens femininas. Ressaltamos que essa temática também insere a diegese, muitas vezes, nas discussões feministas sobre o direito e a liberdade da mulher, e a perpetuação de comportamentos e ideários patriarcais. No entanto, as especificidades dessas abordagens fogem de nosso objetivo nesta análise<sup>4</sup>. Mesmo assim, são elementos que podem vir a ser abordados, mais profundamente, em estudos posteriores.

A diegese de Sanches Neto (2008) apresenta, como fio condutor, a ficcionalização das dificuldades de relacionamentos nos moldes anárquicos – o amor livre – em uma sociedade pautada pela estrutura familiar tradicional eurocêntrica e cristã, de um lado, e a liberdade anárquica, no outro extremo. Tal questão é, também, problematizada pela personagem Giovanni Rossi no nível enunciativo, quando a personagem comenta que

---

<sup>4</sup> A representação feminina em *Um amor anarquista* (2008) é temática do trabalho de conclusão de curso de Juracema Carzino Beira, *A imagem da mulher no romance Um amor anarquista de Miguel Sanches Neto: um relato sob múltiplas óticas*, defendido em 2015 pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Para acesso ao texto: BEIRA, Juracema Carzino. *A imagem da mulher no romance Um amor anarquista de Miguel Sanches Neto: um relato sob múltiplas óticas*. 2015. 45f. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/8893>. Acesso em 27 mar. 2022.

[...] o ideal que unia os pioneiros estava se esboroando, e eles precisavam arranjar alguma coisa que os unisse de novo. Rossi sabia que não poderia ser outra meretriz, mas uma mulher, uma mulher que pertencesse ao anarquismo, a sua entrega não sendo só sensualidade, como em Malacarne, e sim prioritariamente princípio, luta pelos direitos femininos, ato político consciente, caso contrário acabaria em mera confusão de sentidos, em perturbação dos instintos masculinos, quando o amor deveria ser arma usada contra o poder e não distúrbio de glândulas, que os levaria de volta à promiscuidade primitiva. (SANCHES NETO, 2008, p. 72).

Em outras palavras, na trama diegética, os conflitos se desenrolam em razão das dificuldades de aceitação de relacionamentos poligâmicos e do conceito de família nucleada – ideais libertários combatidos pela sociedade tradicional à época ressignificada<sup>5</sup>. Nessa temática, a presença da mulher livre, chamada Narcisa, e o relacionamento poliândrico no qual Adele e Rossi são protagonistas – juntos às personagens Aníbal e Galêac –, colaboram, fundamentalmente, para o insucesso da Colônia Cecília, como demonstram as cartas enviadas à Itália por Rossi:

Sobre as razões do fim da Colônia, já disse ao senhor que foi basicamente pela miséria, tivemos que começar um mundo novo sem nada, e com dezenas de pessoas para alimentar. [...] A esta mesquinaria deve ser somado o preconceito de tais agricultores, aguçado pela presença de uma moça que se entregou a todos os solteiros, pois todos vivíamos em dramático regime de abstinência, e a alguns casados, aumentando assim as rivalidades. (SANCHES NETO, 2008, p. 240-1).

No trecho acima, a tessitura romanesca renarrativiza documentos epistolares que Giovanni Rossi de fato envia a Alfred Sanftleben – figura de extração histórica – que publicou o material recolhido sobre a Colônia Cecília, compreendendo as cartas recebidas factualmente de Rossi, em 1897<sup>6</sup>. A reelaboração epistolar elaborada por Sanches Neto mantém em comum os conflitos e desentendimentos internos, como valida Peruzzo (2012, p. 41) ao comentar que

[...] Giovanni Rossi, em carta a Alfred Sanftleben, atribuiu os desentendimentos e divergências que contribuíram para o fim da Colônia Cecília, ao egoísmo dos imigrantes parmenses que chegaram ao núcleo libertário no final de 1891 e que, durante o convívio com os demais moradores, passaram a exigir mais produtividade dos companheiros, muitos dos

---

<sup>5</sup> As discussões sobre a poligamia, a família nucleada e o amor romântico no contexto da Colônia Cecília são abordadas na dissertação *O beijo amorfista e a patologia do organismo social: monogamia e família nuclear nos papéis do libertário Giovanni Rossi* (2012), de Gabriel Peruzzo, defendida pela Universidade Federal de Santa Catarina. Neste, pela ótica historiográfica, o pesquisador apresenta as discussões entre anarquismo, família, conjugalidades e amor livre. Texto completo como: PERUZZO, Gabriel. *O beijo amorfista e a patologia do organismo social: monogamia e família nuclear nos papéis do libertário Giovanni Rossi*. 2012. 145f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100494>. Acesso em: 30 mar. 2022.

<sup>6</sup> Essas cartas são, parcialmente, reproduzidas por Beatriz Pellizzetti em “Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional”. Ver: PELLIZZETTI, Beatriz. Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional. Estudo de caso. *Estante Paranista*, vol.13, 1981.

quais, sem qualquer experiência com o trabalho agrícola, ou ainda, por serem pouco dados ao trabalho no campo.

No entanto, ao adicionar elementos ficcionais, tal como a personificação de Narcisa, a trama romanesca matiza as razões para a falência da experiência anárquica idealizada por Rossi e – sem deixar de contemplar a historiografia – evidencia possibilidades alternativas de interpretação do passado e desestabiliza noções cristalizadas da história. Essa atitude conciliadora entre história e ficção, mais uma vez, reflete o caráter mediador de *Um amor anarquista* (2008), em que os elementos históricos fundem-se à criação ficcional para a edificação de discursos alternativos sobre o passado, realizado de maneira crítica, por uma perspectiva periférica e distinta da convencional.

Ainda a respeito do fim da Colônia Cecília, em 1894, Felici (1998) indica sua decadência por inúmeras razões, o que impossibilita uma resposta definitiva, como afirma a historiadora:

É impossível afirmar que um acontecimento específico tenha provocado o fim da Cecília. Esse fim é devido mais a um conjunto de fatores convergentes: a miséria que a colônia sofreu ao longo de toda a sua existência, o excesso de trabalho, o ambiente econômico desfavorável, a discórdia, as incompatibilidades de gênios e as dificuldades de pôr em prática os princípios comunistas anarquistas. (FELICI, 1998, p. 36).

Esse fator de imprecisão favorece e estimula as ressignificações do passado propostas pelas narrativas híbridas de história e ficção contemporâneas. Frequentemente, elas operam nos lapsos historiográficos a fim de “agregar novas leituras aos eventos do passado, contemplando as lacunas, as omissões e os silêncios da história para criar novas e instigantes perspectivas que releem o passado vivenciado por personagens que ainda habitam o esquecimento.” (KLOCK, 2021, p. 12).

No universo diegético, o fim da Cecília acompanha um novo ciclo na vida de Adele e Rossi, que se separam e, depois de anos, reencontram-se. A narrativa finaliza com um salto temporal, que engloba o retorno à Itália e a morte de Rossi. Nas últimas páginas, Adele e suas filhas visitam o túmulo de Rossi e rememoram os anos passados no Brasil, em uma atitude saudosista ao seu legado: “Poderia ter ficado rico lá, e voltou sem nada e sempre amou aquela terra, ajudando a melhorar a vida dos pequenos lavradores. – Pierina falou com orgulho.” (SANCHES NETO, 2008, p. 247).

O tom enaltecedor sobre a personagem protagonista e sua trajetória anárquica experimental, bem como a postura apaziguadora sobre os movimentos imigratórios no Paraná, novamente, incluem *Um amor anarquista* (2008) na modalidade mediadora do gênero, pois, nele, a ressignificação do passado ocorre sem o cunho impugnador pelo qual os novos romances históricos latino-americanos e a metaficção historiográfica são regidos. As reaproximações como essas às particularidades tradicionais do gênero são a essência da mediação.

Destacamos, ainda, que a temática dos movimentos imigratórios no Paraná é pano de fundo para diversas outras narrativas híbridas de história e ficção paranaenses. Além do romance histórico já mencionado, *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasatto – no qual as

comunidades japonesas formadas durante as primeiras décadas século XX na região de Londrina são ressignificadas a partir da ótica imigrante –, destacamos, ainda, *Retrato no entardecer de agosto*, publicado em 2016, do escritor e jornalista Luiz Manfredini. Nesse último, apresenta-se a tentativa de estabelecimento da Colônia de Thereza, fundada em 1847, pelo médico belga Jean Maurice Faivre, instalada às margens do Rio Ivaí, área na qual ficam as atuais cidades de Prudentópolis e Cândido de Abreu, no Paraná.

Como já destacamos, *Nihonjin* (2011) apresenta, como pano de fundo histórico, a entrada da população nipônica no norte do Paraná e extremo oeste de São Paulo – trajetória marcada pelo abandono do regime de quase escravidão nas fazendas de café paulistas e posterior instalação no norte do Paraná em pequenas propriedades rurais. Nesse processo, o período pós Segunda Guerra Mundial, seu cenário hostil aos imigrantes nipônicos, a grande xenofobia instalada pelo governo Getúlio Vargas, as proibições e coações linguístico-culturais permeiam a narrativa, e exigem o tom de resistência e de busca por identidade cultural, pela manutenção da memória e pelo enfrentamento dos conflitos sociais decorrentes das circunstâncias socioeconômicas.

Em linhas gerais, o universo diegético apresenta a vinda da família de Hideo Inabata ao Brasil e sua instalação em São Paulo, onde trabalhariam nas fazendas de café do estado, no decorrer da segunda década do século XX. A chegada de Inabata e seus conterrâneos é assim retratada no romance:

Primeiro a surpresa agradável da recepção feita pelos japoneses que já moravam no Brasil, a alegria de ver tremulando no ar pequenas bandeiras brancas com a bolavermelha no centro, a confortável sensação que substituiu a apreensão instalada no coração quando o capitão anunciou que o navio estava próximo de terras brasileiras. Logo as outras caras, criaturas estranhas, e principalmente a visão assustadora dos negros, estivadores carregando enormes cargas, gente jamais imaginada, nunca vista em gravuras de livros. (NAKASATO, 2011, p. 17).

Dessa maneira são apresentados os elementos históricos nacionais e os conflitos culturais enfrentados pela família, bem como seus afazeres cotidianos. No desenvolvimento do enredo, a família se muda para o interior do Paraná, onde passam a trabalhar como produtores de hortaliças, frutas e verduras.

Nesse novo espaço, a realidade da família é gradativamente transformada: há maior dificuldade de adaptação, as personagens sofrem preconceito, há hostilidade entre os diferentes grupos nipônicos, dentre outras problemáticas. Essas dificuldades são acentuadas pela instauração da Campanha de Nacionalização, iniciada em 1938, como um conjunto de medidas tomadas para diminuir as influências dos imigrantes estrangeiros aplicadas durante o Estado Novo de Getúlio Vargas.

Dentre as medidas aplicadas pela Campanha de Nacionalização, de maior impacto aos imigrantes que já estavam estabelecidos no Brasil, estava a proibição do ensino em língua estrangeira, a partir da qual todo o ensino deveria ser realizado integralmente em língua portuguesa (LESSER, 2001 apud SILVAb, 2008). Posteriormente, houve a proibição do uso de qualquer língua que não fosse a língua portuguesa em público,

inclusive para rituais religiosos. Fatos que dificultavam ou quase impossibilitava a comunicação dessa fração imigrante.

De fato, com a imposição dessas medidas, os japoneses, assim como outros grupos imigrantes, passaram a sentir mais fortemente as restrições do Estado Novo. Além disso, esse cenário de desconfiança e de políticas segregacionistas foi ainda mais endurecido a partir da década de 1940, devido ao ataque japonês à base estadunidense de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, o que rompe com a neutralidade dos Estados Unidos, que declara guerra aos países do Eixo e leva à participação brasileira na Segunda Guerra (SILVAb, 2008).

Nesse contexto, um clima de absoluta tensão é instalado no Brasil e estabelece-se o que Takeuchi (2002) chamou de geopolítica do controle, em que as pessoas eram constantemente vigiadas, reprimidas e removidas de cargos ou espaços. Essa realidade é amplamente retratada em *Nihonjin* (2011) assim como é possível verificarmos no trecho a seguir, momento em que Hideo é denunciado e detido pelas autoridades brasileiras por tentar ensinar, clandestinamente, o idioma e a cultura japonesa às crianças:

Os homens de farda arrancaram as folhas dos cadernos e dos livros, fizeram um pequeno monte na rua e atearam fogo. As crianças, assustadas, observavam tudo em silêncio. Hideo, impassível, os braços firmes ao longo do corpo, era quase uma estátua.

- O que o professor ensina a vocês? - perguntou um policial a uma das crianças.

- Teijisan, você não precisa responder - orientou Hideo em língua japonesa.

- Ô japa, não pode falar em japonês! - repreendeu o soldado. - Você não conhece a lei?

- Eu sou japonês, falo japonês - retrucou Hideo, usando a língua portuguesa.

- É japonês, mas está no Brasil! E aqui no Brasil se fala o português.

Hideo ficou quieto.

- O que o professor ensina a vocês? - insistiu o soldado.

- Novamente o professor orientou os seus alunos em língua japonesa a não responderem.

Então levaram ojichan preso. (NAKASATO, 2011, p. 97).

Por meio desse excerto, verificamos que, em *Nihonjin* (2011), a não integração das personagens ao restante da população brasileira é tanto uma condição imposta pela situação política e cultural da época, como também é, muitas vezes, uma forma de resistência contra o apagamento de suas origens, o esquecimento ou a alteração de sua cultura e hábitos, do sentir-se japonês. Essa busca ocorre mesmo que os filhos de Hideo – representativos de toda a segunda geração – já não se sintam mais como verdadeiros nihonjins, habitando um espaço de interseção entre o ser plenamente japonês e o sentir-se e ser aceito como brasileiro.

Como já demonstramos anteriormente, essa é uma discussão explícita na tessitura do romance, como podemos verificar no seguinte episódio, em que Haruo – filho de Hideo e Shizue – questiona a mãe sobre sua obediência cega ao pai: “Hideo era uma ponte firme que levava seus filhos ao Japão. Ponte de concreto, construída ao longo dos anos, com pilares grossos fincados na terra, sobre a água turva. Por que, então Haruo não a atravessava?/- Não podemos viver no Brasil como se estivéssemos no Japão, mamãe [...]” (NAKASATO, 2011, p. 93).

Essas discussões não permeiam apenas o ambiente de Hideo e sua família, antes são reverberações do conflituoso contexto histórico social nacional de hostilidade frente aos estrangeiros. Essas características fazem com que o universo diegético de *Nihonjin* (2011) teça um caminho diverso daquele apresentado por *Um amor anarquista* (2008) e *Retrato no entardecer de agosto* (2016). Suas problemáticas não estão centradas e não se esgotam no processo imigratório, de colonização e povoamento do estado, mas atingem pontos fulcrais da historiografia brasileira, dos conceitos de memória, de pertencimento e identidade cultural.

Por sua vez, de modo similar a *Um amor anarquista* (2008), em *Retrato no entardecer de agosto* (2016), Manfredini renarrativiza o processo de instalação, os conflitos internos, os embates com os povos indígenas e o colapso da Colônia Thereza Christina. A colônia, baseada no socialismo utópico, foi instalada em 1847, nos Campos Gerais do Paraná, no Vale do Rio Ivaí, e é representada no universo diegético de Manfredini até o ano da morte de seu idealizador, Jean Maurice Faivre, ocorrida em 1858.

O relato, desenvolvido *in medias res*, apresenta como protagonista a personagem de extração histórica Jean Maurice Faivre, médico e naturalista francês, o qual encontra-se em seu leito de morte, sucumbido pela febre tifoide. Cabe a Balthazar – seu leal companheiro, personagem puramente ficcional – ocupar o espaço de narrador, atuando como um receptáculo de memória, a partir do qual se integram outros fios e focos narrativos. Frequentemente, é a partir de suas elucubrações que a trajetória da instalação e falência da Colônia Thereza é tecida. Essas, coexistem com linhas narrativas em que se reelaboram, ficcionalmente, o passado de Faivre, sua suposta relação com a Imperatriz Thereza Cristina, sua atuação como botânico naturalista, e as possíveis motivações que o trouxeram ao Brasil.

Ao mesmo tempo, a composição romanesca de *Retrato no entardecer de agosto* (2016), contempla supostos documentos, os pressupostos e as discussões teóricas e sociais que o impulsionaram e dirigiram o empreendimento e a condução da Colônia Thereza, comparando-a a outros empreendimentos semelhantes e discutindo a proposta de Charles Fourier, o falanstério, como é possível ratificar na transcrição a seguir exposta:

O que o Monsieur Fourier diz e escreve, meu caro Garnier, não são ideias soltas, produzidas ao léu, mas fruto de uma interpretação mais global da existência humana. Essa é uma interpretação que o faz perseguir com tanta obstinação o objetivo de uma sociedade justa e igualitária. [...] E o caminho para essa sociedade justa e igualitária começa por remover as instituições atuais, que pervertem a humanidade, completou Faivre. (MANFREDINI, 2016, p. 94).

Diferentemente de *Um amor anarquista* (2008), em que a presença de uma problemática trama amorosa é relevante para a composição global do romance, em *Retrato no entardecer de agosto* (2016) o relacionamento amoroso vivido pela personagem ficcionalizada de Faivre não desempenha uma função significativa. Suas relações afetivas são apenas mencionadas em seus devaneios e arrependimentos, sem a relevância de atuar como fio condutor à narrativa.

De fato, no universo diegético, o destaque recai nas articulações sociais que nortearam a instalação da Colônia, nas adversidades das terras ermas do vale do Ivaí, os enfrentamentos e as conflituosas relações com os povos autóctones que ali viviam e na discussão das dificuldades sociais e econômicas enfrentadas. Tais aspectos ficam evidentes, como podemos verificar, no trecho a seguir destacado:

O ataque noturno dos índios, de surpresa e fulminante, que exterminara dias antes a modesta família de agricultores recém-chegada na Colônia, reforçou a intensa boataria sobre a iminência de novo assalto botocudo, desta vez mais amplo e sangrento. [...] Não bastava aguardar a tropa de soldados, tardia e incerta, pensou Faivre. Quem sabe pudesse apaziguar a situação mediante o concurso do cacique estabelecido em Guarapuava com sua tribo de caingangues. [...] Vou lhe dizer, mister Eagleton, firmei com o governo imperial um compromisso de civilização dos índios. Mas nunca me passou pela cabeça promovê-la mediante a violência. (MANFREDINI, 2016, p. 36-7).

De fato, nessa região existiam inúmeros redutos indígenas, especialmente das etnias Guarani e Kaingang, denominados na narrativa como botocudos e coroados. Esse aspecto lança novos olhares à perspectiva até pouco tempo ainda aceita por historiadores tradicionais ao argumentar em prol do suposto “vazio demográfico” paranaense ou mesmo do projeto de “civilizar” as sociedades autóctones. Assim, *Retrato no entardecer de agosto* (2016) abre espaço para um olhar mais atento, mostrando um processo histórico de colonização mais complexo e multifacetado, divergente daquele perpetuado pela perspectiva colonialista.

De acordo com Mota e Novak (2008), o baixo e o médio Ivaí eram dominados pelos Guarani, enquanto os Kaingang ocupavam o alto curso até as cabeceiras, que, com o tempo e embates, ganharam espaço por toda a bacia hidrográfica. São essas as sociedades reelaboradas no universo diegético de *Retrato no entardecer de agosto* (2016), sobre as quais também figuram as histórias e os conflitos tanto entre as comunidades indígenas, como entre nativos e os brancos europeus:

Não bastava aguardar a trapa de soldados, tardia e incerta, pensou Faivre. Quem sabe pudesse apaziguar a situação mediante o concurso do cacique estabelecido em Guarapuava com sua tribo de caingangues. Faivre conhecia a história de Viri. Nos anos 1840, em troca de auxílios oficiais ao seu povo, decidira proteger dos índios inimigos os exploradores que estavam ocupando os campos de Palmas. Passou a servir na arbitragem entre branco e índios, no que era especialmente perspicaz. Mais tarde, 1853, seus préstimos lhe valeram o título de Capitão, conferido pelo presidente da recém-criada Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcelos, e o direito de se fardar e receber soldo. A presença de Viri na Colônia, com seus métodos mais próximos da persuasão, certamente aliviaria o velho médico, ele próprio adversário do uso da força contra os índios, salvo em circunstâncias extremas. (MANFREDINI, 2016, p. 37).

Dessa forma, os conflitos e as problemáticas encontradas por Faivre são representativas dos inúmeros enfrentamentos e das múltiplas perspectivas possíveis sobre a formação e desenvolvimento do território paranaense.

Em linhas gerais, tanto a Colônia Cecília como a Colônia Thereza – bem como a Colônia de Superaguí, em Paranaguá – compartilham uma trajetória marcada pelas

dificuldades frente ao falho sistema de colonização do estado que as estabelecia: “[...] as tentativas de colonização na região da futura Província do Paraná pautavam-se pela introdução de colonos europeus como pequenos proprietários e em regiões ermas, e não pela imigração destinada ao Oeste Paulista, cujo fim era suprir de mão de obra a agricultura de exportação.” (DYSARZ, 2013, p. 25). De fato, o processo fomentado nas terras sulistas consistia no fornecimento de pequenos lotes de terra a colonos europeus para que se tornassem, após um período de produção agrícola, os proprietários desses lotes de terra. No entanto, as cadeias de endividamento, seja pela aquisição de lotes ou adiantamento de gêneros, as péssimas condições de plantio, de saneamento e condições básicas de subsistência, levam esses empreendimentos ao fracasso.

De todo modo, como afirma Dysarz (2013, p. 31) ao abordar a trajetória da Colônia de Superagui, em meados do século XIX, a morte dos colonos, e em especial, de Faivre, são exemplares sobre um dos “elementos que pontuaram o fracasso tanto da colônia paranguara quanto o empreendimento de João Maurício Faivre no Ivaí: o caráter insalubre das regiões nas quais os colonos foram alocados.”. Esses elementos são ratificados pela tessitura narrativa romanesca:

A Colônia também está febril, também padece e tem medo. Quase não se trabalha, os colonos divididos entre dois temores, o ataque dos índios e a doença que, diz-se cada vez mais abertamente, ameaça a vida do Doutor. Os casados evitam deixar as mulheres e crianças desprotegidas de casa. Os solteiros, armados com garruchas, circulam nos instantes em que a chuva diminui. (MANFREDINI, 2016, p. 70).

Em seus aspectos formais, tanto *Retrato no entardecer de agosto* como *Nihonjin* consolidam-se como romances históricos contemporâneos de mediação. Constituem-se em obras que se incorporam ao aporte de narrativas híbridas de história e ficção que retomam o passado paranaense sob o prisma do imigrante e abordam as dificuldades encontradas por esse modelo de povoamento no espaço do Paraná, ressignificando aspectos desse passado colonial. Assim, instalam novas figurações sobre cenários e períodos históricos paranaenses, de forma a preencher, por meio da ficção, as lacunas do discurso tradicional e se infiltrar, criticamente, no passado de maneira amena, sem o intento da crítica feroz e desconstrucionista que marca as obras inseridas na segunda fase da trajetória do gênero.

Sobre a identificação e as relações entre as narrativas englobadas em nossa análise e a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, salientamos que as características mediadoras são instaladas em romances

[...] construídos entre a tradição e a renovação –, escritos em uma linguagem menos erudita e com uma estrutura mais modesta, expõem ângulos, vivências, reações, participações e enfrentamentos ocorridos ao longo dos eventos históricos marcantes de nosso continente que sempre foram ocultados, escamoteados ou, simplesmente, negados pelos detentores do poder, seja ele político, econômico ou mesmo o do conhecimento da escrita. (FLECK, 2017, p. 106).

Assim, as três obras abordadas neste manuscrito são narrativas híbridas de história e ficção – pertencentes à fase mediadora do gênero – que colaboram para a determinação de como ocorrem as transformações do tratamento e manipulação do elemento histórico realizado pelo texto ficcional, dentro da trajetória do romance histórico paranaense. Simultaneamente, são romances históricos que confirmam a permanência da criticidade mesmo na modalidade mediadora, como também defende Klock (2021).

Formalmente, *Um amor anarquista* (2008) apresenta-se de forma semilinear, interrompida por poucas analepses e prolepses, bem como com a inserção de cartas trocadas entre Giovanni e seus colegas anarquistas ou apoiadores. Essas cartas colaboram, também, com os efeitos de verossimilhança na narrativa, e não comprometem significativamente a linearidade narrativa. Vejamos uma dessas inserções do gênero epistolar na narrativa:

Palmeira, 20 de abril de 1980

Caríssimo Leonida Bissolati

Como foi por meio de *L'Eco Del Popolo* que conseguimos apoio para esta desesperada empresa que é a criação de uma colônia socialista na América do Sul, gostaria que nossa primeira carta fosse dirigida aos leitores desse heroico jornal.

Enfrentamos todos os problemas dos imigrantes nesta cansativa travessia marítima que fizemos a bordo do *Città di Roma*, comendo pão mal amassado, bebendo vinho azedo e água quente, povoando assim do sofrimento dos italianos expulsos de suas terras pela miséria. (SANCHES NETO, 2008, p. 17).

A presença de marcadores temporais e geográficos nesses trechos epistolares é recorrente, assim como são as descrições e narrações detalhadas, os quais são traços que se configuram como estratégias de verossimilhança, característica que retoma sua importância na modalidade mediadora, a qual, de acordo com Fleck (2017, p. 110), busca conferir “um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico.”

Outra peculiaridade relevante em *Um amor anarquista* (2008) é a simplicidade estilística, tanto em âmbito de estruturação narrativa (linearidade) quanto de escolha estilístico-lexical: a linguagem utilizada é bastante fluída e coloquial, com diálogos bem definidos, personagens facilmente identificadas e caracterizadas, bem como voz enunciativa heterodiegética que conduz o leitor junto à trajetória das personagens, suas reações, pensamentos e sentimentos, como podemos constatar no fragmento a seguir exposto:

Ficou esperando a reação do marido, ele estava tão compreensivo nas últimas semanas, isto lhe dera coragem para declarar a paixão. Agora esperava ou o ódio agressivo ou as palavras de incentivo. Mas não vieram palavras, apenas lágrimas.

- Por que você está chorando?
- Você não devia ter falado.
- Queria me sentir em paz.
- Eu já sabia.
- Quem contou? Ele?

Fiorenzo apenas balançou negativamente a cabeça. (SANCHES NETO, 2008, p. 209).

Essas são propriedades distintivas para a caracterização da modalidade mediadora, pois mantém sua atitude crítica e revisionista em relação ao passado, mas abandona os traços desconstrucionistas e experimentalistas mais extremos das modalidades anteriores, tais como os barroquismos, experimentalismos linguísticos e o desconstrucionismo discursivo e de personagens glorificadas pela historiografia. Como ratifica Fleck (2017, p. 111),

[...] o romance histórico contemporâneo de mediação prima pelo emprego de uma linguagem simples e de uso cotidiano, em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico de novos romances históricos de muitas metaficções historiográficas e das discussões teóricas muitas vezes incluídas nessas modalidades. As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência em ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito.

Para a construção dessa fluidez coloquial, há uma modernização da linguagem com a intenção de aproximá-la de seus leitores. Essa peculiaridade também caracteriza o que Fernández Prieto (2006) denomina como um anacronismo próprio das narrativas híbridas de história e ficção, os quais podem ocorrer de duas formas: o anacronismo verbal e o anacronismo diegético.

Em *Um amor anarquista* (2008), verificamos a existência do anacronismo verbal, ocasionado pela modernização da linguagem: “*Que consiste en hacer hablar al narrador o a los personajes con vocablos o con giros muy modernos que chocan abiertamente con los usos de la época histórica evocada, o en registro familiar o coloquial impropio de su categoría histórica.*”<sup>7</sup> (FERNANDÉZ PRIETO, 2006, p. 200). Essa linguagem coloquial e modernizada é recorrente em toda a construção narrativa que, apesar de não veicular gírias, impropérios ou obscenidades, é destoante ao período histórico no qual a diegese se ambienta.

Ao término do romance, como mencionamos, a diegese está ambientada na Itália, para onde a personagem Rossi retornou, pois, após a falência da Colônia Cecília, não se adaptou ao Brasil, conforme podemos verificar no trecho à continuação exposto:

Em Curitiba, tentei todo tipo de trabalho, mas não consegui colocação satisfatória, pois ninguém daria emprego comum ao Dr. Rossi, o ilustre italiano. Acabei, por solidariedade, no corpo médico do Batalhão Italiano, durante a Revolução Federalista, recusando-me a usar farda ou me subordinar à autoridade militar. (SANCHES NETO, 2008, p. 241).

Após se casar com Adele, Giovanni assume suas filhas e retoma uma vida conjugal e familiar na Itália. Na tessitura romanesca, temos acesso a essas informações por meio da configuração de uma Adele já idosa, rememorando seu passado no cemitério de Pisa, junto ao túmulo de Rossi que, falecido em 1943, ainda era lembrado elogiosa e amorosamente: “Eu só dormi com outros porque sempre amei o pai de vocês, desde o

---

<sup>7</sup> Nossa tradução: Que consiste em dar voz ao narrador ou aos personagens por meio de vocabulário ou expressões muito modernos, que se chocam abertamente com os usos da época histórica evocada, ou pelo registro familiar ou coloquial impróprio de sua categoria histórica. (FERNANDÉZ PRIETO, 2006, p. 200).

dia em que ouvi uma palestra dele. Falava como um sábio. Fiquei encantada. Fui atrás dele, cruzei o oceano, fiz tudo o que ele queria.” (SANCHES NETO, 2008, p. 249).

Da mesma forma laudatória é lembrado o Paraná: “Aquele azul apagado lembrava, por contraste, o azul intenso do Paraná, aquele verde dos cedros não tinha nem a metade do verde viçoso daquelas matas. Tudo era mais colorido naquele passado. Era mais vivo, mais real.” (SANCHES NETO, 2008, p. 249). Essa retomada nostálgica sobre o estado colabora na criação de uma atmosfera saudosista, mais sensível e compassiva sobre o passado – articulando a reconciliação própria da modalidade mediadora. Uma resignação condoída que nos encaminha ao desfecho poético da narração: “Adele saiu do cemitério, passando pelo portal, gostava daquelas colunas. Logo estaria fazendo o caminho de volta, mas sem se cansar” (SANCHES NETO, 2008, p. 249), consumando, metaforicamente, o fim da vida, o fim da narração.

Nesse sentido, *Um amor anarquista* (2008) reafirma a capacidade dos romances históricos contemporâneos de mediação de ressignificar os eventos do passado por meio da reaproximação à referencialidade do real e à linearidade narrativa, tal como comprovam os estudos de Klock (2021, p. 176), pois as narrativas mediadoras “[...] expressam uma maior confiança na possibilidade de representação da cotidianidade e na capacidade referencial da linguagem em transmiti-la, justamente por resgatarem a linearidade.”

A linearidade narrativa e o trabalho simplificado do real como referente também articulam o papel facilitador de acesso à escrita romanesca do público leitor comum, uma vez que, “moderando, significativamente, o uso de anacronismos, sobreposições temporais e estruturas pluriperspectivistas e o emprego da linguagem barroca e requintada” (KLOCK, 2008, p. 176), essa produção ficcional torna-se mais acessível do que suas antecessoras desconstrucionistas – em que as estratégias experimentalistas e desconstrucionistas exigem um leitor mais atento e especializado para a compreensão global do texto literário.

Nesse sentido, o romance histórico contemporâneo de mediação engendra uma reconciliação entre a produção literária crítica e o público leitor não especializado, por optarem, também, por uma linguagem próxima à língua corrente entre o público mais jovem e “possibilita[r] ao leitor orientar-se no tempo, no espaço e na sequência lógica das ações, sem que isso exija dele um esforço exaustivo na reconfiguração da estrutura imaginada.” (FLECK, 2017, p. 113).

Assim, *Um amor anarquista* é exemplar das transformações que o gênero romance histórico sofreu em sua trajetória no espaço latino-americano – e paranaense –, na qual a modalidade mediadora instala a ressignificação do passado por meio de versões que se infiltram nas lacunas e silêncios da história tradicional. Essas pequenas fissuras abrem e iluminam obscuridades do passado antes intactas, perpetradas pelo discurso colonizador que sempre regeu a escrita tradicional da historiografia, seja de cunho eurocêntrica, seja aquela produzida no espaço da própria América Latina onde foi, também, calorosamente cultivada.

Quando vinculadas aos processos de colonização e povoamento do Paraná, as narrativas híbridas de história e ficção mediadoras colaboram para a construção de imaginários mais amplos e humanizados/subjetivados. Também possibilitam uma

compreensão do passado desvinculada – exclusivamente – daquela proposta pela história tradicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizamos uma abordagem do romance histórico de mediação pelo enfoque temático dos fluxos imigratórios paranaenses. Nessa tarefa, analisamos mais detalhadamente a composição narrativa de *Um amor anarquista* (2008), de Miguel Sanches Neto, e a colocamos em perspectiva comparada às obras *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato, e *Retrato no entardecer de agosto* (2016), de Luiz Manfredini.

As análises apresentadas confirmam a capacidade das narrativas híbridas de história e ficção em ressignificar criticamente o passado paranaense, possibilitando uma perspectiva distinta àquela propagada pelo discurso convencional. Nessa empreitada, por meio de estratégias próprias da modalidade mediadora do gênero, os romances históricos revisitam momentos marcados pelos movimentos migratórios no estado e seus impactos no processo de formação da sociedade à época.

Assim, a leitura dessas narrativas híbridas amplia as perspectivas frente ao passado de formação social paranaense, contemplando seus aspectos geográficos, étnicos e políticos. Ultrapassa, ainda, as representações tradicionais do discurso historiográfico e desestabiliza imagens cristalizadas sobre os diferentes processos imigratórios ocorridos no território do estado. Ao aliar história e ficção, tanto *Um amor anarquista* (2008) como as narrativas paralelamente analisadas, *Nihonjin* (2011) e *Retrato no entardecer de agosto* (2016), permitem-nos reavaliar as concepções perpetuadas sobre a instalação de grupos imigrantes no estado, comumente avaliada de forma apologética pela historiografia oficializada. Essa última, por contemplar a perspectiva do vencedor, negligencia grupos de indivíduos que foram exterminados, ou mesmo marginalizados socialmente, que sofreram dificuldades de adaptação, tiveram suas identidades fragmentadas e sonhos frustrados.

Além disso, devido às suas características mediadoras, o acesso da narrativa ao público leitor não especializado é facilitado, o que proporciona maior abrangência dessa modalidade de romance histórico. Assim, os estudos dos romances históricos contemporâneos de mediação paranaenses articulam-se como uma fértil via de ressignificação crítica do passado, capaz de agregar nossa compreensão sobre a formação e desenvolvimento de nossa sociedade, bem como atuar no processo de decolonização social e cultural.

## REFERÊNCIAS

CELLA, T. N; BERND, J. A. A imigração japonesa em *Nihonjin*: uma poética fusão entre história e memória. *Fermentum*, v. 31, p. 506-527, 2021. Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/handle/123456789/47413>. Acesso em: 15 nov 2021.

- DYSARZ, C. M. *Os suíços de Superagui: Colonização e imigração no paraná do século XIX*. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- FELICI, I. “A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi”. *Cad. AEL*, n. 8/9, 1998. p. 9-66.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. *Poética de la novela histórica como género literario*. Córdoba, I. B. Blas Intante, 2006.
- FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- GASPAROTTO, B. A. *Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: uma leitura de Vigília del Almirante (1992) e Carta del fin del mundo (1998)*. 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.
- GERALDO, E. “A ‘lei de cotas’ de 1934: controle de estrangeiros no Brasil”. *Cad. AEL*, v. 15, n. 27, 2009. p. 173-209.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KLOCK, A. M. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.
- MANFREDINI, L. *Retrato ao entardecer de agosto*. Curitiba, PR: Ipê Amarelo, 2016.
- MARTINS, W. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MOTA, L. T.; NOVAK, É. S.. *Os Kaingang do Vale do Ivaí – PR. História e relações interculturais*, Maringá, EDUEM, 2008.
- NAKASATO, O. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.
- PERUZZO, G. *O beijo amorfista e a patologia do organismo social: monogamia e família nuclear nos papéis do libertário Giovanni Rossi*. 2012. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- SANCHES NETO, M. *Um amor anarquista*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SHARPE, J. “A história vista de baixo”. BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62.
- SILVA, Z. L. Prefácio. HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, Monica Setuyo. (orgs.). *Cem anos de imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008a.

SILVA, B. S. M. O “perigo japonês” em Londrina (1934-1956): o caso da construção do aeroporto. XI Seminário De Pesquisa Em Ciências Humanas - *SEPECH*. 2008b. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/BrunoSMSilva.pdf>> Acesso em 10 fev. 2021.

TAKEUCHI, M. Y. *O Perigo Amarelo em tempos de guerra*. São Paulo: IMESP, 2002.